

BIBLIOGRAFIA

WILHELM SCHÜLE, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel-Mediterrane und Eurasische Elemente in Frühheisenzeitlichen Kulturen Südwesteuropas*, Deutsches Archäologisches Institut, Abt. Madrid, Madrider Forschungen, Band. 3, ed. Walter de Gruyter & C.º, Berlin, 1969. 2 vol.: 1.º — Text und Katalog, 318 pág. e uma tábua cronológica; 2.º — 53 cartas geográficas e 151 tábuas de gravuras.

O Dr. W. Schüle tem-se ocupado, desde há anos, do estudo da Idade do Ferro na Península Ibérica. As suas publicações têm sido sempre muito apreciadas não só pelos assuntos nelas tratados, como pela precisão, pela ordem e método impecáveis que usa. Nestes dois volumes soube o A. atingir o mais alto nível que pode ser alcançado em trabalhos desta natureza: síntese, comentada, de várias investigações, subscritas por diversos autores e todas referentes a lugares afins.

A Meseta, por um lado, pela sua situação no centro da Península, por consequência afastada das grandes vias de comunicação que foram o Mediterrâneo e o Atlântico e, por outro lado, barrada pelos Pirenéus; com clima con-

tinental nem sempre agradável: constituiu uma zona pouco aberta a infiltrações de povos estranhos. Mas os que desembarcavam na costa mediterrânica a pouco e pouco se internavam e chegavam à Meseta; e os Pirinéus têm duas passagens fáceis de transpor junto ao mar; por isso por elas passaram povos que, por terra, vinham da Europa Central ou de mais longe: também estes atingiram a Meseta. Vários bandos migratórios ali se cruzaram com indígenas e desses contactos novas culturas surgiram. É sobre elas, mas somente no período do Bronze final e no do Ferro ibérico, que tratam os dois volumes de Schüle.

O seu estudo é essencialmente baseado em dados arqueológicos até hoje recolhidos não só na Meseta, como também no resto da Península; e para melhor compreensão e relação, o A. faz igualmente um apanhado do que se teria passado noutras regiões em idêntico ou semelhante período cultural. Para isso, projecta-nos um panorama geral da Europa, do Mediterrâneo, da Ásia Anterior e Central, na mesma época.

Para tirar e demonstrar as suas conclusões dá-nos, no 2.º volume, uma

imagem de todos os objectos conhecidos ordenados, como no 1.º volume, por áreas de cultura; cada desenho tem a indicação bibliográfica respectiva, o lugar onde foi achada a peça e o museu ou colecção a que pertence. A obra representa um enorme trabalho de método, investigação, classificação e síntese.

Tentaremos resumir, no que se segue, as conclusões do autor.

Aparentados com grupos étnicos instalados na Europa Central, incluídos no Hallstatt, outros povos vieram procurar o Sudoeste europeu, no mesmo período e, por isso, foram nele incluídos. O fenómeno passou-se pelos meados do 1.º milénio. Sabemos, por outro lado, que desde o 3.º milénio, povos do Mediterrâneo Oriental vinham à Península buscar minérios ou outros produtos.

Esta corrente comercial e industrial continuava pelos anos de 500. Por essa época, quatro povos, representativos de quatro culturas, comerciavam com a Península; muitos dos seus componentes por cá ficaram. Desses povos, três chegaram por via marítima mediterrânica; o quarto por via terrestre. Vinham os primeiros da Ásia Anterior, das ilhas do Mediterrâneo Oriental e da Grécia. Parece que os Fenícios, também frequentadores da Península nessa época onde já comerciavam, talvez desde o séc. IX, não teriam tido grandes contactos com eles.

Os Fenícios e depois também os Púnicos, teriam provocado no Sul e no Sudeste da Península, a chamada cul-

tura ibérica, que a pouco e pouco iria irradiando para as terras interiores (e para o Sul da França) sem terem atingido o Noroeste.

Produtos gregos, de importação, teriam chegado aos campos de urnas da Catalunha, no séc. VI; no séc. V vão os Gregos intervir na cultura ibérica do Sudeste e depois na de Oeste. A influência grega na Península (à parte o Nordeste, incluído na zona de Massalia) ter-se-ia produzido a partir da Sicília, pelo Cabo da Nau. A cultura ibérica impregnada de elementos gregos e fenícios, fez um remate ao Bronze final.

A via terrestre, acima referida, teria o seu ponto de partida nas estepes da Sibéria, nos Hordos, nos Montes Altai; passava pelo Irão, pela Caucásia, pela Europa Central até Portugal. A história corrobora com os achados arqueológicos; para o demonstrar o A. cita Plínio quando se refere aos Persas, como tendo estado entre os povos que chegavam à Península. Os arreios dos cavalos e outras peças arqueológicas confirmam-no.

Ne séc. VI os campos de urnas ao Sul do Tejo mostram elementos eurásicos e sobrevivem na Meseta; Schüle estabeleceu para eles dois períodos, A e B. Cada período subdividiu-o em duas fases, distinguindo-as, entre outros, pelos seguintes elementos:

A1 — espadas com antenas longas (não tem representação suficiente em Castela).

A2 — Espadas com antenas curtas; arreios de cavalo.

B1—Espadas com antenas ainda mais curtas.

B2—Espadas com antenas em botão.

Desaparecem os elementos eurásicos e aumenta a influência da cultura ibérica do Douro, em detrimento da do Tejo.

Muito longe deveríamos ir, se pudessemos dar uma notícia mais pormenorizada desta obra; mas não devemos concluir sem referirmos as 53 cartas geográficas da Península, da Europa, da Ásia, com indicação dos lugares onde apareceram materiais arqueológicos iguais ou de origem comum; são excelentes e demonstrativas. Os índices são exaustivos.

O trabalho de W. Schüle, pela densidade de material acumulado e comentado, pela visão de conjunto que estabelece, deverá ser consultado durante muitos anos; enquanto a arqueologia da Meseta não estiver perfeitamente esclarecida, a obra será indispensável para quem nela quiser trabalhar. E mesmo quando, um dia, novos conhecimentos tiverem trazido novas e valiosas achegas, a «Die Meseta-Kulturen» será obrigatoriamente consultada.

Felicítamos o Autor, e, nele, o Instituto Arqueológico Alemão de Madrid pelo valioso contributo trazido à Arqueologia Peninsular; e igualmente cumprimos a editorial Walter de Gruyter & C.º, de Berlim, pelo excelente trabalho gráfico em mais dois volumes da notável série a que esta obra pertence.

F. de Almeida

MARTIN ALMAGRO GORBEA — *La necropolis de «Las Madrigueras»*. *Carras-cosa del Campo (Cuenca)*, vol. de 32××22,5 cm, 65 pág., X tábuas com tipologia, quadro resumo e XXV láminas (uma a cores), vol. X da Biblioteca Praehistorica Hispana, ed. do C.S.I.C., Madrid, 1969.

Há anos, por acaso fortuito, foi posta a descoberto uma urna cinerária, em barro; estava na margem funda de um regato que corre na zona oriental da Meseta Sul da Península Ibérica. Deu entrada no Museu Arqueológico de Cuenca, capital da Província. Nele a observou o Prof. Almagro Bash, director do dito Museu, que por sua vez encarregou o Autor de estudar a peça e de fazer investigações arqueológicas no local do achamento, por já ter efectuado várias pesquisas na região. Outros o haviam precedido, mas os resultados finais obtidos não revelavam interesse muito particular.

O achamento da urna referida, nesta área da Meseta, a que tão poucos têm dedicado alguma atenção, veio pôr a hipótese da existência ali de um campo de urnas. O Autor procedeu a escavações no local e delas tirou as conclusões relatadas no seu livro.

Conta minuciosa e correctamente os resultados obtidos na pequena área escavada, situada em um ligeiro promontório com 100 metros de comprimento e que se levanta ao lado do riacho acima referido.

Elucida o leitor sobre a região onde aparece o promontório; qualidades do terreno (nele abunda o gesso); as anti-

gas vias de comunicação que por ali se cruzam desde épocas imemoriais, estabelecendo ligações da Meseta com as praias do Mediterrâneo; a existência de lugares onde floresceram cidades hoje desaparecidas, como Segóbriga e Recópolis; as poucas referências que lhe fizeram as fontes clássicas; finalmente, os resultados das pesquisas dos seus antecessores por aquela zona.

Depois de recolher e descrever os materiais encontrados à superfície, iniciou as suas escavações e relata o método adoptado. Retirada a camada de terra agricultada, encontrou urnas, «ustrinia», zonas de cinzas, objectos diversos. Havia buracos cavados no fundo das sepulturas, alguns contendo urnas; outros, estavam revestidos interiormente por uma espécie de barro com gesso, e neles também encontrou cinzas; por vezes, estes buracos eram tapados com o mesmo gesso que barrava as paredes. O mobiliário achado nas 65 sepulturas escavadas constava de cerâmicas de vários tipos, contas de vidro, pedaços de bronze, tudo disposto em obediência a um rito: as peças, ou foram encontradas dentro das urnas, ou fora; algumas mostravam sinais de terem sido lançadas à pira, outras não.

Faz depois um relato pormenorizado, acompanhado de gravuras e fotografias da tipologia das cerâmicas; umas importadas (gregas ou fenício-púnicas), outras indígenas (célticas ou ibéricas); dá-nos a sua situação em um dos quatro estratos que conseguiu identificar e estabeleceu para cada um a sua cronologia.

Assim, no estrato I, as cerâmicas pré-campinense e áticas nele achadas e vasos de verniz vermelho, permitiram-lhe datá-lo da 2.^a metade do séc. IV à primeira metade do III (?); no estrato II, cerâmicas ibéricas cinzentas e vasos de tipo hallstático, indicam a primeira metade do séc. IV e o último quartel do V (?); no estrato III, as cerâmicas manuais e cerâmica hallstática pintada devem ser colocadas entre 500 e 25; finalmente, no IV estrato as urnas achadas permitem datá-lo entre 550 e 500 a. C. Propõe o Autor a designação geral «Carrascosa» I para a cerâmica que não foi trabalhada ao torno e «Carrascosa» II a que o foi, estabelecendo para a primeira a cronologia 500-425 e para a segunda 425-350.

Tira seguidamente as seguintes conclusões para uma tentativa de história desta região da Meseta. O Bronze foi praticamente desconhecido na região; por este motivo não se pode avaliar qual o resultado local da vinda dos indo-europeus no Bronze III. No entanto, uma cronologia aproximada permite estabelecê-lo entre 800 e 600. A seguir teria vindo o período Carrascosa I, seguido do Carrascosa II.

Era celta ou autóctone, o povo de Carrascosa I? É provável que fosse autóctone por já se ter manifestado no período anterior. Com muita prudência o Autor chama a atenção para não se menosprezar a persistência local de alguns homens do Bronze. Uma grande mudança cultural não implica, necessariamente, ter sido feita, toda ela, por um povo invasor; os autóctones poderiam, para realizar essa mu-

dança, ter unicamente beneficiado das culturas fenícia, grega e púnica vindas da orla mediterrânica e isso ter-lhes-ia bastado.

Dentro dos actuais conhecimentos sobre a região em causa propõe o Autor, como hipótese, seguindo a situação geográfica dalguns povos conhecidos pelas primeiras fontes escritas, uma diferenciação cultural em 3 zonas, que podemos chamar étnicas; a dos Olcados, a mais oriental, influída pela cultura do S. E. e Levante (necrópole de Bulnache de Alarcón); a celtibérica na continuação dos campos de urnas (necrópole de Cañizares) e, finalmente, a dos Carpetanos (?), correspondente à Carrascosa (com a sua necrópole de «Las Madrigueras»).

As numerosas figuras distribuídas pelo texto, mapas, plantas, cortes, o A. junta um apêndice sobre as fontes escritas (Políbio e Tito Lívio) e co-

menta-as largamente. Transcreve os resultados dos estudos geológicos da área escavada, bem como das análises negativas de polenes colhidos a vários níveis das escavações; análise química do revestimento branco de uma sepultura, do pigmento de uma urna e da repectiva tampa, bem como da terra que recobria a urna. Finalmente organizou X tábuas tipológicas de fíbulas, cerâmicas e outros objectos; um quadro-resumo demonstrativo e XXV lâminas com excelentes fotografias, das quais a última folha a cores.

Trata-se, assim de um excelente volume que vem ajudar positiva e eficazmente o estudo da Proto-história peninsular pois, podemos dizer, ele está ainda longe de atingir o nível desejado. Esperamos que o jovem arqueólogo continue o caminho tão brilhantemente encetado.

F. de Almeida



dação e era licenciado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Coimbra. Exerceu os seguintes cargos: Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga; Director do Museu Municipal de Ilhavo (de Etnografia e Museologia), que fundou em 1937; Professor do Ensino Secundário Particular, 1.º Conservador da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de 1927 a 1932, 1.º Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra de 1932 a 1953; Encarregado dos trabalhos práticos de investigação científica na Faculdade de Let-

ras da Universidade de Coimbra pelo Decreto n.º 18085, de 25/11/1939; Conservador-Ajudante do Museu Municipal de Castro de Alambim, equiparado a Bolsista do Instituto de Alta Cultura, de 1951 a 1953, para o estudo das interferências da preta-

